

AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM E SUAS POSSIBILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL, UM ESTUDO DE CASO

LEARNING VIRTUAL ENVIRONMENTS AND THEIR POSSIBILITIES IN ELEMENTARY SCHOOL, A CASE STUDY

Lucy Gabrielli Bonifácio da Silva¹ (Prefeitura do Município de São Paulo – lucygabriellisilva@yahoo.com.br)

Resumo:

Considerando os desafios encontrados na educação presencial regular frente às configurações histórico-culturais da atual sociedade da informação, e ainda corroborando com as experiências bem sucedidas de educação híbrida, o presente trabalho versa sobre as possibilidades do uso de ambientes virtuais de aprendizagem – AVA no ensino fundamental presencial, por meio da análise do estudo de caso da escola municipal da rede pública de São Paulo, EMEF Professor Quirino Carneiro Rennó. Com o estudo foi possível analisar os potenciais do ambiente virtual de aprendizagem Moodle para alunos da educação básica na medida em que se observou como as múltiplas ferramentas disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem podem se caracterizar como recursos importantes na mediação pedagógica, se configurando como uma aproximação entre a educação presencial e as tecnologias da informação e da comunicação, agregando a experiência bem sucedida dos AVA na educação a distância às necessidades de iniciativas inovadoras na educação básica presencial. Para tal, utilizou-se a análise do perfil do docente implementador da proposta, a observação do AVA Moodle caracterizado de acordo com as necessidades da unidade educacional, a participação dos alunos, e ainda as estratégias de mediação e incentivo utilizadas pela referida escola. Observou-se ainda que o princípio da aprendizagem colaborativa, presente nos ambientes virtuais de aprendizagem, pode ser um ponto relevante para a escolha do uso dessa ferramenta mesmo com alunos mais jovens.

Palavras-chave: ambiente virtual de aprendizagem – ensino fundamental - EaD.

Abstract:

Considering the challenges encountered in the regular classroom education as a result of the historical and cultural configuration of the current information

¹ Mestre em História Social (PUC-SP) e Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância (UFF/UAB). Prefeitura de São Paulo/Secretaria Municipal de Educação, Professora de Ensino Fundamental II e Médio.

society, and also confirming the successful experiences of hybrid education, this paper deals with the possibilities of using virtual learning environments - VLEs in the primary school classrooms, through the analysis of a case study of municipal public school of São Paulo EMEF Professor Quirino Carneiro Rennó. With the study it was possible to analyze the potential Moodle learning virtual environment for students of basic education as that observed how the multiple available tools in virtual learning environments, especially Moodle, can be characterized as an important resource in the pedagogical mediation, shaping up as an approach between classroom education and information and communication technology, adding the successful experience of AVA in distance education to the needs of innovative initiatives in basic education classroom. For this, we used the analysis of the teacher's profile who implemented the proposal, the observation of the VLE Moodle characterized especially according to the needs of the educational unit, the participation of the students, guided in person by the teacher and / or spontaneous, and even strategies mediation and incentives used by that school. It was also observed that the principle of collaborative learning, present in virtual learning environments, can be an important point for the choice of using this tool even with younger students.

Keywords: virtual learning environment - primary education - distance education

1. Introdução

A proposta aqui observada objetiva descrever uma experiência prática com uso de ambiente virtual de aprendizagem como recurso de mediação pedagógica e construção de aprendizagem colaborativa. Assim, pretende-se perceber como e quais ações podem transformar essa ferramenta educacional utilizada mundialmente, mas de forma mais efetiva em cursos EAD destinados a grupos etários de jovens e adultos, em um recurso viável e contributivo para a prática pedagógica destinada aos alunos mais jovens do ensino presencial, representando uma estratégia para professores inovarem suas práticas e transformar a conectividade vivenciada pelos educandos em um aliado em sua formação escolar.

Considerando vivermos em uma sociedade modificada pelas novas tecnologias, em que a cultura digital conecta a todos, e se a LDB (Lei 9.394/96) permite que a EaD desenvolva programas em todos os níveis e modalidades de ensino, é um caminho natural que na busca por uma educação de qualidade, façamos análises dos componentes que podem ser assimilados pelas experiências EaD na educação presencial.

Neste estudo de caso, cuja metodologia baseou-se em entrevista e observação do ambiente virtual de aprendizagem utilizado pela unidade de ensino no ano de 2015, o intuito é apontar ideias, destacar o que funcionou para esta escola como uma possibilidade que pode ser reaplicada a outras, se contudo estabelecer receita, até porque a realidade de cada público alvo interfere diretamente no planejamento de qualquer ação educacional,

além de mostrar o que é possível e que comprovadamente pode agregar qualidade a aprendizagem.

A sociedade em rede forjou um novo modelo educacional, caracterizado principalmente pela aprendizagem conectada com a realidade concreta. Essa conexão do mundo virtual com o real imprimiu e ainda imprime desafios aos educadores e pensadores de políticas públicas. Mais do que nunca, torna-se imprescindível refletirmos propostas que atendam aos desafios atuais da sociedade. Nessa direção, a escola é um dos principais alvos de críticas, uma vez que se sustenta principalmente pelo paradigma instrucionista, o qual não privilegia os espaços de interação, construção coletiva do conhecimento e promoção do protagonismo.

As mudanças provocadas pela cibercultura e seus impactos na sociedade são indiscutíveis e o universo escolar não poderia ficar de fora, assim reconhece-se a necessidade de uma educação mais imersa na cultura da conectividade, na qual as tecnologias digitais na sala de aula devem também transitar nas relações sociais, nos modelos de comunicação e nas soluções de aprendizagem.

2. OS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Corroborando com a ideia de que a educação, seja ela de nível básico ou universitário, deve caminhar na compreensão e exigências das características interativas e comunicacionais da sociedade contemporânea, o modelo de educação a distância atual baseado principalmente no uso da Internet e das tecnologias de comunicação e informação, apresenta uma ferramenta pedagógica e mediadora que se enquadra nestas necessidades que se delinearam.

Ao pensar a interatividade e a importância que as relações virtuais adquiriram, as instituições de ensino, especialmente as de EAD, passaram a alocar seus conteúdos e ferramentas comunicativas dentro deste “mundo” virtual, e os ambientes virtuais são a base para o acesso a este novo universo, o ciberespaço. Na busca de formas eficientes, que agregassem as facilidades das ferramentas comunicativas, a disponibilização de conteúdos (conhecimento técnico e científico), a possibilidade de aplicação de ferramentas avaliativas, e ainda que se enquadrasse num modelo pedagógico de autonomia, interatividade, colaboração e cooperação, concebeu-se o AVA – ambiente virtual de aprendizagem.

Segundo França (2009, p. 59-60), por volta dos anos 1990, após a popularização da Internet, muitos ambientes hipermediáticos foram desenvolvidos, alguns em escalas internacionais, como o *Blackboard*, e outros de menor alcance, desenvolvidos por instituições de ensino superior para suprir suas demandas internas, como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Virtual Brasileira (UVB), entre outras. Atualmente, os mais comuns são os ambientes livres, que podem ser utilizados sem custo ou valor de licença e dispõem dos mesmos recursos e funcionalidades de *softwares* proprietários, como por exemplo a plataforma Moodle e a Teleduc.

Por definição os AVAs “podem ser entendidos como ambientes que utilizam as diversas ferramentas oferecidas pelas TICs em especial os avanços da internet, para possibilitar um espaço novo para o processo de ensino e aprendizagem” (BARBOZA JUNIOR,

2008. p. 31). Contudo, este novo espaço é permeado de questões mais complexas do que a virtualização das ações, conforme atenta Amarilha Filho (2011, p.42):

Não basta codificar um conjunto de saberes em ambientes virtuais para que se estabeleça uma relação pedagógica de ensino, mas, é necessário também, estabelecer, sistematizar e organizar metodologias e didáticas específicas para a interação dos envolvidos no processo, a saber, professor e aluno.

Assim, cabe considerar que o AVA não se refere a um *site* comum, ou ao uso sistematizado de comunicação síncrona ou assíncrona através da Internet, trata-se de um ambiente pensado pedagogicamente para mediar o processo de ensino aprendizagem. Por isso, a implementação desses ambientes de ensino, requerem “equipes interdisciplinares oriundas da educação, da comunicação e da ciência de computação que, juntas, devem pensar a gestão das condições de acesso e eficiência do processo pedagógico” (AMARILHA FILHO, 2011, p.59).

Neste sentido, a reflexão sobre os ambientes virtuais de aprendizagem deve ser norteada por sua contribuição no processo de ensino de cada caso analisado, já que sua implementação e uso variam de acordo com os objetivos institucionais.

2.1. O ambiente virtual de aprendizagem e suas possibilidades pedagógicas

Segundo Sancho, os estudantes devem ser estimulados a participarem das inovações tecnológicas, despertando novos conhecimentos e técnicas que contribuam não apenas em seus estudos, mas também em sua vida profissional.

Assim, os ambientes virtuais e os recursos tecnológicos podem ser uma ferramenta primordial colaborando em diferentes aspectos para a aprendizagem, e ainda que alguns deles se caracterizem pela distância física, propiciam possibilidades e métodos pedagógicos de estudos.

Nessa direção, assim como os objetivos que norteiam a concepção e implementação dos ambientes virtuais de aprendizagem são distintos, suas características de ação pedagógica também o são. Conforme salientado por Okada (2003), pode-se destacar três tipos: *ambiente instrucionista*, centrado no conteúdo, com interação mínima e a participação online dos estudantes sendo praticamente individual; *ambiente interativo*, centrado na interação online, onde os materiais têm o objetivo de envolver os participantes e é desenvolvido no decorrer do curso com as reflexões e opiniões dos cursistas, e neste caso, o papel do professor é mais intenso, pois as atividades são criadas no decorrer do curso; e *ambiente cooperativo*, cujo objetivo é trabalho colaborativo e participação online, onde há interação entre os participantes e estes devem estar envolvidos com seu aprendizado, sendo o conteúdo fluido e dinâmico, possibilitando a construção de comunidades de aprendizes.

Partindo da premissa de diversidade de modelos e do estudo de caso analisado nesta pesquisa, nos debruçaremos com maior ênfase na reflexão sobre as possibilidades pedagógicas dos ambientes virtuais cooperativos, pois segundo Amarilha Filho (2011, p. 51):

Do ponto de vista pedagógico, o desafio está nas escolhas de ambientes virtuais que privilegiem não apenas a exposição de conteúdo, mas também a interação e a colaboração coletivas no processo de ensino aprendizagem. [...] o que é privilegiado são as experiências dos próprios alunos em relação ao conhecimento desejado, a capacidade de interpretação de uma problemática, a interação entre a comunidade, a pesquisa que se desenvolve a partir de temas orientados pelo professor.

É compartilhando do conceito de que a EAD por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem pode construir uma comunidade cooperativa de conhecimento, que advém uma das maiores contribuições dos AVAs, devido a sua capacidade de fornecer “recursos para o processo de construção do conhecimento, e também propiciar ao usuário que os utilizam a possibilidade de interagir e não só receber, ou seja, de também contribuir com novas informações” (BARBOZA JUNIOR, 2008, p. 31). Assim, conforme o exposto:

O estar junto virtual constitui-se como uma abordagem para a educação a distância que se distingue muito dos modelos mais habituais. Pressupõe o desenvolvimento de ações que enfatizam a prática do interacionismo, implicando na atuação docente norteada por estes princípios em todas as etapas de realização do curso. (MORAES, 2011, p. 45)

Se cada vez mais estamos todos interligados por meio das redes virtuais de comunicação e informação, conceber uma forma de educação que desconsidere esta realidade pode ser contraproducente. Neste ponto, os benefícios de ensinar através da constituição de uma comunidade de aprendizes virtuais se destaca como um avanço pedagógico, até mesmo possível de se agregar a modalidade de ensino presencial praticada na educação básica, visto que atende tanto as necessidades de educar dentro das características da sociedade atual, como aos ideias educacionais de promover a aprendizagem significativa e de qualidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a intenção de analisar os potenciais do uso de ambientes virtuais de aprendizagem na educação básica, o objeto deste estudo de caso é a prática instituída na EMEF Professor Quirino Carneiro Rennó, que desde 2009 faz uso da plataforma *Moodle* como recurso pedagógico junto aos seus alunos. Neste sentido, a análise ora realizada se ateve especificamente as questões inerentes a implementação e ações pedagógicas promovidas através do AVA verificando as contribuições que esta experiência pode suscitar.

A unidade educacional estudada, EMEF Prof. Quirino Carneiro Rennó, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, atendeu no ano de 2015 (data base de realização do estudo), ao ensino fundamental, contando com 21 turmas, sendo 8 do Ciclo de Alfabetização (do 1º ao 3º ano), 10 do Ciclo Interdisciplinar (do 4º ao 6º ano) e 3 do Ciclo Autoral (8º e 9º ano); o que soma um total de 689 alunos, 2 turnos de aulas e uma média de 33 alunos por classe. A escola se localiza entre a divisa do município de São Paulo e de

Ferraz de Vasconcelos (município da Grande São Paulo), no bairro Vila São Geraldo, pertencente a Subprefeitura de Guaianases, zona Leste da Capital paulista, embora localizado em uma região de alta vulnerabilidade social, é cercada de casas de alvenaria, ruas asfaltadas, rede de iluminação, água e esgoto, transporte público e prestação de serviços.

Para compreender o histórico de implementação e objetivos do programa virtual de aprendizagem desta escola, foi realizada uma entrevista aberta com o professor idealizador da ação, bem como um questionário com o intuito de conhecer alguns aspectos de sua vida funcional. Considerando tratar-se de uma experiência pontual, não de uma ação proposta para a rede de ensino municipal, foi de suma importância entender em momento o AVA foi identificado como uma resposta viável as demandas daquela comunidade escolar. Ou seja, por que sem nenhum programa governamental instituído, que guiasse a escola nesse sentido, o docente concebeu a ideia de que o *Moodle* poderia ser um recurso pedagógico viável e significativo.

Segundo o professor Luiz Antônio Andrade Raymundo, idealizador e implementador da proposta, por volta dos anos de 2006/2007, quando lecionava para alunos da EJA – Educação de Jovens e Adultos e para uma turma de 8ª série, sentiu a necessidade de relacionar seu conteúdo de Geografia com o mercado de trabalho, no qual a maioria dos seus alunos do noturno já estavam inseridos de maneira informal, assim fez uma parceria com o SEBRAE/SP – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo, unidade do município vizinho de Ferraz de Vasconcelos, e trouxe formação e informação para dentro da escola num projeto direcionado aos seus alunos da EJA. Entusiasmado, teve a vontade de expandir a informação para os alunos da 8ª série do período da tarde e para fazê-lo, começou a pesquisar formas de proporcionar o acesso a informação. Por recomendação de um amigo, acessou o site do ambiente virtual *Moodle* e começou um longo trabalho de aprendizagem autodidata para colocar no “ar” sua ideia e seu AVA.

Ao professor, então, cabe não só permitir que as situações favoráveis aconteçam, mas deve procurar promovê-las. A mediação pedagógica, portanto, é um conceito permeado pela tomada de posição do professor e, neste sentido, é importante considerar que este também é um conhecimento a ser construído pela docência, principalmente, se considerarmos a experiência da formação, seja como aprendiz ou como profissional. (MORAES, 2011, p. 39)

Neste sentido, deve-se considerar a trajetória individual e as características pessoais do profissional, que ao deparar-se com um empecilho para a realização do seu trabalho, construiu meios para melhorar sua mediação pedagógica. Não se trata de imputar aos professores exclusivamente a obrigação de “transformar” a realidade educacional, mas de admitir que sem eles isso não é possível. Daí o reconhecimento do Referencial para o Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente, quando lista entre as características de um bom professor, *“demonstra e promove atitudes e comportamentos positivos; aplica estratégias de ensino desafiantes; busca aprimorar seu trabalho constantemente com base na reflexão sistemática, na autoavaliação e no estudo”*.

A plataforma passou a funcionar em 2009, cerca de dois anos depois do primeiro impulso por uma nova ferramenta que proporcionasse a divulgação de conhecimento, mas segundo o professor Luiz, seu aprendizado sobre o ambiente virtual de aprendizagem *Moodle*, o fez perceber que se tratava de mais do que colocar informações em rede para acesso via Internet, que a plataforma poderia agregar outras utilidades.

A plataforma possibilita promover uma aprendizagem diferenciada, com seus recursos posso me comunicar com os alunos, eles podem se comunicar entre si, posso acompanhar todo o acesso e ações deles dentro da plataforma, as possibilidades são muitas (RAYMUNDO, 2015, informação verbal).

De fato, os ambientes virtuais de aprendizagem são ferramentas que “além de fornecerem recursos para o processo de construção do conhecimento, também devem propiciar ao usuário que os utilizam a possibilidade de interagir e não só receber, ou seja, de também contribuir com novas informações” (BARBOZA JUNIOR, 2008, p. 31). Essa característica reafirma o caráter colaborativo dos AVA's e coloca sua utilização como aliada da prática pedagógica, mesmo na educação básica.

Outro ponto que incentivou o professor a implementar a plataforma, foi a realização de uma pesquisa informal com os alunos, no ano de 2009, que apontou que cerca de 40 a 50% dos alunos possuía sinal de internet em casa. Assim, segundo o mesmo, a plataforma logo se popularizou entre os alunos, que de acordo com o seu acompanhamento acessam a plataforma fora da escola, inclusive nas férias, principalmente agora, com a popularização dos *smartphones* e redes *Wi-fi*, o número de alunos com acesso a internet está em torno de 80%.

Corroboram com essas afirmações dados publicados pela revista *Magistério*, produzida pela Diretoria de Orientação Técnica da SME/SP que observam “que 75% dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e 93% dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental acessam a internet pelo menos uma vez por semana (Nic.br, 2014) [...] o acesso a internet pelo celular era realizado por 12% das crianças e adolescentes em 2010 e alcançou 62% deles em 2013” (MONTEIRO, 2014. p. 43-45).

Ou seja, a realidade identificada na escola estudada acompanha a tendência dos dados municipais de que a popularização no acesso à informação faz parte da rotina da maior parte dos alunos, incentivando propostas que aproveitem os altos índices de conectividade.

3. 2. O ambiente virtual de aprendizagem

A Prefeitura de São Paulo oferece uma aula de Informática Educativa por semana para seus alunos como parte da grade curricular, e entre outras propostas treina seus professores orientadores de informática educativa (POIE) no uso do *Edmodo*², o professor

² Rede social educacional. Nasceu da ideia de ser usada em escolas, com educadores e alunos, se caracterizando por ser uma rede segura.

Luiz deixa claro sua preferência ainda atualmente pela plataforma *Moodle*, mesmo recebendo formação para o uso do *Edmodo*:

Eu prefiro trabalhar com o *Moodle* porque ele é customizado, posso dar a cara da escola, escolher a aparência que eu quiser. E como ele é também uma plataforma livre de construção colaborativa, as pessoas disponibilizam temas que posso usar também, atualmente nossa plataforma utiliza a versão 2.7 do *Moodle* (RAYMUNDO, 2015, informação verbal).

Após a opção por esta plataforma, o prof. Luiz foi ao longo dos anos aprimorando sua experiência até chegar ao uso e *layout* atuais. Cabe ressaltar que ele é o único responsável pela plataforma, ficando sob seu cargo desde as funções administrativas, como cadastro de usuários e encaminhamentos técnicos, até a parte pedagógica, que atualmente é incentivada devido a função de POIE, que ele exerce há cerca de um ano e meio.

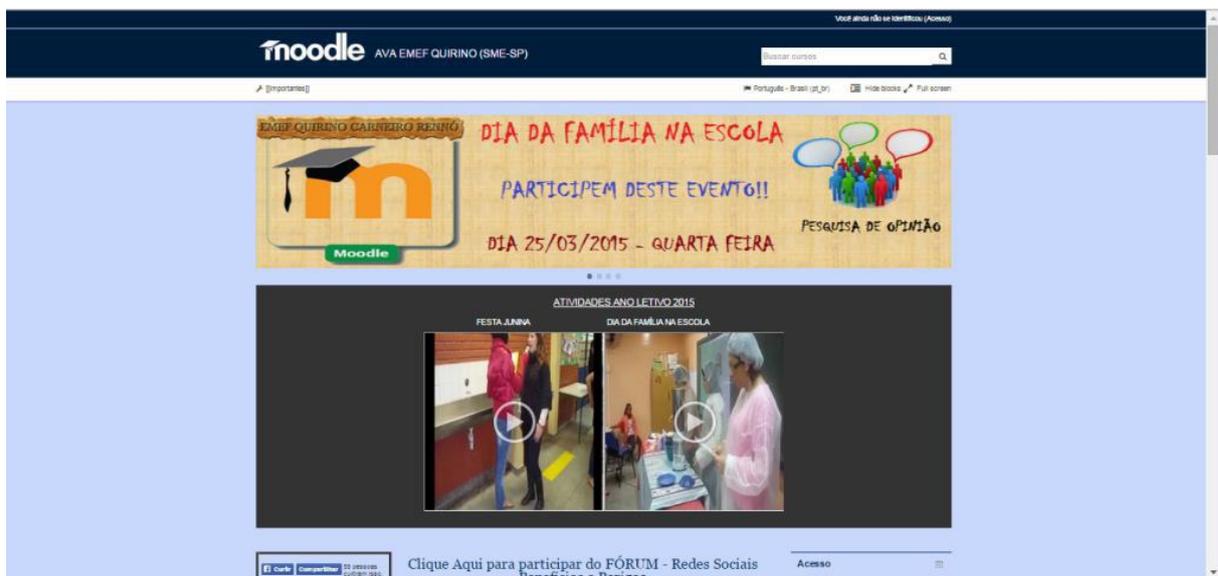


Figura 1 – Tela inicial do AVA – Emef Quirino (SME-SP).

Fonte: <http://www.emefquirinosp.com.br/>

O *Moodle*, mais que uma ferramenta para a mediação pedagógica, se tornou um veículo eficiente para divulgar informações para toda a comunidade escolar, podendo-se visualizar desde vídeos de ações realizadas na escola, até ter acesso a links que direcionam o usuário para saber mais sobre os temas de seu interesse. Entre esses temas estão atividades próprias da plataforma destinadas aos alunos como chats, debates e simulados; e ações informativas sobre projetos da escola. Ainda na página inicial, o usuário tem acesso ao link para todos os cursos que a plataforma oferece, tanto os destinados aos alunos, quanto a comunidade, e aos professores, que também utilizam a plataforma para disponibilizar material formativo.

Entre os próximos objetivos almejados, está conseguir que mais professores alimentem de forma sistemática a plataforma de acordo com a sua disciplina, para que o AVA se torne um espaço cada vez mais interligado com a sala de aula. Neste sentido, há uma certa resistência dos docentes, já que essa é uma atividade extra, cuja execução não é remunerada nem obrigatória. Atualmente a plataforma conta apenas com professores que se interessam em executá-la. Para atenuar essa questão o professor Luiz treina seus alunos monitores da Sala de Informática Educativa para inserir material na plataforma *Moodle*, objetivando que esses possam assessorar os demais professores nessa tarefa.

Outro aspecto que deve ser salientado na observação da plataforma é a estratégia de motivação encontrada pelo docente, o mesmo fez a gamificação das atividades propostas. Os alunos acumulam “troféus” por atividades cumpridas e ao final do ano, os melhores pontuados concorrem a um passeio para o Pico do Urubu³ para uma aula multidisciplinar ao ar livre. Assim, é possível aliar o conhecimento adquirido virtualmente com experiências reais, motivando e demonstrando ao aluno que sua prática no AVA está interligada a prática escolar presencial, conforme Moran salienta.

Uso intensivo das tecnologias é contraproducente, como tudo o que é feito em excesso. A criança precisa combinar as tecnologias digitais com as analógicas, os jogos virtuais com os jogos físicos, as telas com o papel, a escrita digital com a manual. Quanto mais variedade de estímulos, caminhos, roteiros, mais riqueza de aprendizagem. (RUBIN, 2015.p. 39)

Apontando para o que podemos considerar de ensino híbrido, Moran nos apresenta um pensamento possível de ser posto em prática independente da faixa etária e ano escolar, quando reafirma que quanto maior a diversidade de recursos melhor se dará a aprendizagem. Nesta busca, cada profissional escolhe formas de multifacetar suas propostas e é inegável que os recursos dos ambientes virtuais de aprendizagem abrangem essa necessidade.

Ainda no sentido de analisar novas formas de aprender e ensinar, o AVA oferece outra vantagem que é dificultada nas práticas presenciais do ensino básico, a criação de uma comunidade de aprendizagem, que independe de idade, série/ano, turno de estudo, a qual todos os alunos pertencem sem distinção e colaboram com suas opiniões. Durante a análise, foi possível observar alunos de diferentes anos interagindo no mesmo fórum, pôde-se ainda perceber a intervenção do professor como mediador do processo e ainda como se revela a participação de alunos em horário e dia distintos dos turnos de aula.

É perceptível que pelo histórico da implementação do que hoje é caracterizado como um programa da EMEF Quirino Rennó, e não mais como um projeto com data marcada para o final, que a vontade individual de um professor frente as dificuldades encontradas foram imprescindíveis. Isso reafirma a validade deste estudo, ao evidenciar como um trabalho bem sucedido, pode ser a resposta que outros grupos procuram, e é o dever da universidade transcender a teoria e se aliar a prática.

³ O *Pico do Urubu* é uma montanha com 1.140 metros de altitude e que está localizada no município de Mogi das Cruzes, Estado de São Paulo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem a pretensão de aprovar ou recomendar o uso de ambientes virtuais de aprendizagem na educação básica, ao invés disso pretende colaborar para enriquecer esta discussão, por meio da apresentação da descrição dessa experiência desenvolvida na escola estudada. Certamente, a análise deste estudo de caso, ainda que se refira a uma experiência em andamento e em consolidação, aponta para algumas problemáticas interessantes.

Seria o ambiente virtual de aprendizagem, especialmente o *Moodle*, capaz de atender a demanda por uma escola mais conectada com a realidade dos alunos e com as novas formas de comunicação dos mesmos, ao aliar as vantagens comunicacionais assíncronas e síncronas com ferramentas de ensino e avaliação? Esse estudo indica que este pode ser um dos caminhos, que há uma eficiência em ampliar a aprendizagem com o uso de AVAs e que este pode ser um aliado importante para aumentar a qualidade do ensino presencial, pois disponibiliza diferentes formas de apresentar os conteúdos, e pode direcionar o aluno para a ampliação do seu conhecimento. Sob essa perspectiva, cabe a ressalva de que o estudo não analisou dados específicos de rendimento escolar dos alunos que fazem uso do AVA, até porque ainda não houve a sistematização dos mesmos pela escola, no entanto, a observação do docente responsável assinala para uma correspondência entre o uso dos recursos disponibilizados no AVA e um maior interesse nas atividades escolares presenciais.

Claro que há uma preocupação sobre a autonomia dos educandos, afinal fala-se de um perfil de aluno EaD, que deve ser capaz de organizar de forma autônoma seu tempo de estudo, atividades e aprendizagem. No entanto, o programa analisado não propõe educação a distância para o ensino básico, no sentido de um estudo totalmente autônomo, mas de utilizar o AVA como um extensor do ensino presencial, no qual embora o aluno possa e seja incentivado a realizar suas atividades em tempo diferente do seu tempo de aula (mesmo com acesso garantido pela aula de Informática Educativa que forma a grade curricular), ele não está sozinho, assim como na EaD ele tem um tutor, no caso o professor, que orienta seus estudos e ainda seus colegas, formando uma comunidade de aprendizagem. Ainda, deve-se pensar nos benefícios de uma educação que incentive a autonomia a partir de atividades práticas, ensinando cotidianamente o aluno a ser protagonista do seu processo educativo. Conforme salienta Moran (1999):

Somente podemos educar para a autonomia, para a liberdade com processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeitem as diferenças, que incentivem, que apoiem, orientados por pessoas e organizações livres.

Considera-se ainda dois fatores para futuras reflexões, a inclusão do AVA como ferramenta de ensino não é sinônimo de EaD, os ambientes virtuais foram pensados e são usados na educação a distância, mas um por si só não constitui o outro, há outras formas de

se promover EaD sem o uso de AVAs, e por que não usar AVAs para outra modalidade de ensino que não seja inteira ou parcialmente a distância? E ainda, a importância do papel do professor como figura capaz e indispensável na promoção e alcance de soluções para as questões educacionais. A análise demonstrou como uma iniciativa, que encontra terreno fértil, com uma gestão interessada, pode fazer a diferença, interferindo na realidade e transcendendo a ideia do “manda e cumpre”, como se a mudança que todos aguardamos na educação do país devesse surgir de cima. Sob esse aspecto, pode-se dizer:

Porque o professor nesta perspectiva, não é o sujeito do processo. Ele é objeto. Ele fica executando política, programa, projeto. Ele executa...executa...mas é muito importante reverter essa questão dele ser o sujeito do processo. Ele tem que ser uma criatura que pensa o seu trabalho, que o hipotetiza, que o problematiza. Ele tem o direito de ser o professor que nós estamos chamando de professor reflexivo, crítico-reflexivo, de professor pesquisador. (FUSARI, 2014. p. 30.)

Desta forma, longe de se encerrar a discussão, indica-se a necessidade de valorizar ações pontuais, pois embora orientadas por uma política pública, é na reflexão do cotidiano que as soluções para as especificidades de cada realidade aparecem. Ainda aponta-se para um olhar amplo sobre as possibilidades dos ambientes virtuais de aprendizagem e as demais colaborações que a educação a distância podem agregar à prática presencial, não para substituí-la, mas para modificá-la em alguns aspectos importantes, com o uso significativo da conectividade e da comunicação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Reginaldo Gonçalves do. **Mídias Digitais Interativas: perspectivas de mídias, graus e modelos**. São Paulo, 2009. 111 p. Dissertação (Mestre em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

AMARILLA FILHO, Porfírio. **Educação a distância: uma abordagem metodológica e didática a partir de ambientes virtuais**. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 27, n.02, p. 41-72, ago. 2011.

ANDRADE, Lílian Bhruna Pinho de. ; ROMANCINI, Richard. **Educomunicação e Pedagogia de Projetos: abordagens e convergências**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: XXXX. 2015.<www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2730-2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

AVA Emef Quirino (SME-SP). Disponível em:< <http://www.emefquirinosp.com.br/>>. Acesso em 19 mai 2015.

BARBOZA JUNIOR, Alcides Teixeira. Capítulo II: Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: **Ambientes virtuais de aprendizagem: um estudo de caso no ensino fundamental e médio**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, SP: 2008.

BRASIL. **Decreto 5.622**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm>. Acesso em: 24 jun. 2015.

_____. **Lei 9.394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 24 jun. 2015.

_____. **Portaria Normativa nº 2**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/portaria2.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

_____. **Lei 14.974/09**. Disponível em: <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.a.sp?alt=12092009L%20149740000>. Acesso em: 19 set. 2015.

CASTRO, Mariela. **Educação digital, ferramentas para consumir conteúdo online**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/midias-sociais/2014/09/29/educacao-digital-ferramenta-para-consumir-conteudo-online/#more-4496>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

Ciatech – UOL Educação. **Tendências da Educação Online 2015**. Disponível em: <<http://www.ciatech.com.br/noticias/novo-tendencias-de-educacao-online-2015/>>, Acesso em: 22 mai. 2015.

COSTA, L. A.; FRANCO, S. R. K. **Ambientes virtuais de aprendizagem e suas possibilidades construtivistas**. RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação. v. 3, n. 1. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/13781>> Acesso em: 13/maio/2015. 18h08min.

FRANÇA, George. **Os ambientes de aprendizagem na época da hipermídia e da Educação a Distância**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 14, n. 1, p. 55-65, jan/abr. 2009.

FUSANI, José Cerdhi; BARRETO, Elba de Sá. **Mesa redonda. Em busca do aluno real**. MAGISTÉRIO/Secretaria Municipal de Educação. n. 3 – São Paulo: SME/DOT, 2014. 18-31.

LEMOS, André. **Cibercidades: um Modelo de Inteligência Coletiva**. Disponível em: <http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0008.htm>. Acesso em 03 jun. 2015.

MARCUSSO, Nivaldo Tadeu. EAD e tecnologia no ensino médio. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Marcos. **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo : Pearson Education do Brasil, 2009. P. 182-187.

MARTINS, Ana Rita ; MOÇO, Anderson. **Educação a distância vale a pena?**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/vale-pena-entrar-nessa-educacao-distancia-diploma-prova-emprego-rotina-aluno-teleconferencia-chat-510862.shtml?page=1>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

MATTOS, Sandra. **Como elaborar a Metodologia de Pesquisa**. PIGEAD. Lante/UFF, 2015. Disponível em (o site do PIGEAD).

MONTEIRO, Natália Andreoli. **O aluno e a internet: retratos e tendências**. MAGISTÉRIO/Secretaria Municipal de Educação. n. 3 – São Paulo: SME/DOT, 2014. 42-45.

Moodle. Disponível em: < <https://moodle.org/index.php?>>. Acesso em: 19 mai 2015.

MORAES, Maria Beatriz Villas Boas de. **O belo na mediação pedagógica: as especificidades desta relação em ambientes virtuais de aprendizagem**. São Paulo, 2011. 164 p. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

MORAN, José Manuel. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

OKADA, Alexandra Lilavati. **Desafios para EAD: como fazer emergir a colaboração e cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem?** In: SILVA, Marco (org.) Educação online. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 275-294.

Rede Edmodo. Disponível em: <<https://www.edmodo.com/home>>. Acesso em: 19 mai. 2015.

RAYMUNDO, Luiz. **Entrevista**. [Jun, 2015]. Entrevistadora: Lucy Gabrielli Bonifácio da Silva. São Paulo, 2015.

RIBEIRO, E. N.; MENDONÇA, G. A. A.; MENDONÇA, A. F.; **A importância dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem na busca de novos domínios na EAD**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526AM.pdf> Acesso em: 14/Maio/2015.

RUBIN, Débora. **A geração de Alice**. Revista Educação. Ano 19. Nº 218. Junho/2015. p. 35-42.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa: A Educação Presencial e a Distância em Sintonia com a Era Digital e com a Cidadania**. Disponível em: <http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0008.htm>. Acesso em 03 jun. 2015.

WERNECK, Paulo. **Somos anjos e demônios na internet.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/06/1293805-somos-anjos-e-demonios-na-internet-diz-o-sociologo-manuel-castells.shtml>>. Acesso em: 03 jun. 2015.